

Associações literárias e científicas no Brasil, e particularmente no Ceará — Oiteiros

Dolor Barreira

1 — A febre das associações e academias tinha, fatalmente, de contagiar, como, de fato, contagiou, o Ceará.

Aliás — seja dito de passagem —, verifica-se, de logo, que é notavelmente superior, em relação ao das científicas, o número das sociedades literárias, no que se confirma a afirmação de José Veríssimo de que, depois do Rio, é o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária e maior a sua produção.

2 — No seu ensaio sobre a HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE, Antônio Sales fixou o ano de 1824 como ponto de partida, como marco inicial das atividades literárias do Ceará. O ano de 1824 assinalaria, no seu pensar, o comêço do primeiro dos dois períodos em que dividiu a sua história literária.

Estou, todavia, que não tem razão o donoso beletrista morto, cujas contribuições, em verso e prosa, tão fidalgamente opulentam o nosso patrimônio intelectual.

É que se impõe recuar, de mais de dez anos, a fixação dêsse ponto de partida.

Desde 1813, com efeito, se fazem sentir, nestas desfortunosas terras do *Siará Grande*, as primeiras manifestações literárias.

3 — Realmente: a 19 de Março de 1812, assumiu Manuel Inácio de Sampaio o govêrno da capitania, entregue que lhe fôra, pessoalmente, pelo seu imediato antecessor, Luiz Barba Alardo de Meneses.

Sampaio, que governou o Ceará desde aquela data até 12 de Janeiro de 1820, era homem inteligente, culto, assim dado às armas como às letras. Não era dos homens a que se refere

Antônio Sales, no mencionado trabalho, aos quais «mal chegava o tempo para cuidar dos misteres do seu cargo».

Preocupado, também, com as coisas do espírito, introduziu Sampaio, em Fortaleza, segundo nos noticia o Barão de Studart — e é de inegável tradição —, o uso dos chamados OITEIROS, por virtude dos quais os intelectuais do tempo, agrupados, no palácio do governo, em torno do governador, faziam literatura, de preferência poética.

Vinha-lhes o nome dos oiteiros «que se celebravam, em Portugal, nas cidades e subúrbios, especialmente nos conventos de freiras, por ocasião da festa dos oragos, da eleição das preladas, ou dos seus aniversários natalícios», e em que os poetas glosavam os motes propostos pelas espôsas do Senhor.

4 — Nessas reuniões literárias, realizadas, em Fortaleza, naqueles remotos dias, salientavam-se os poetas JOSÉ PACHECO ESPINOSA, CÔNEGO ANTÔNIO DE CASTRO E SILVA, PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS, PADRE LINO JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA e MANUEL CORREIA LEAL.

5 — JOSÉ PACHECO ESPINOSA era português, natural da ilha da Madeira, tenente-coronel das guardas de Aquiraz.

Em seu tempo — diz-nos o Barão de Studart —, foi «um dos principais negociantes da Fortaleza, sendo dos primeiros que importaram e exportaram diretamente mercadorias para a Europa, visto que, até então, o comércio de Fortaleza era feito por intermédio de Pernambuco e Maranhão».

Consocei-se, em Aracatí, a 26 de Março de 1786, com D. Dorotéia Maria do Espírito-Santo, aracatiense, da família Carneiro, constituindo o seu casal prole cearense.

Aderiu à causa da independência do Brasil, sendo figura de relêvo do Ceará de então. Escreveu *sonetos*, *décimas* e um *romance heróico*.

Faleceu a 20 de Dezembro de 1814.

6 — ANTÔNIO DE CASTRO E SILVA (cônego) era natural de Sobral, onde nasceu a 21 de Dezembro de 1787. Filho do capitão-mor Antônio José da Silva Castro, pertenceu à Congregação do Oratório, da Casa da Madre de Deus, de Pernambuco. Foi capelão do governador Manuel Inácio de Sampaio. Fêz *odes* e *sonetos*.

Faleceu em Arronches, a 13 de Julho de 1863, vítima da cólera-morbo.

7 — PEDRO JOSÉ DA COSTA BARROS nasceu, em Aracatí, a 7 de Outubro de 1779. Fêz, em Coimbra, os seus es-

tudos de humanidades. Eleito à constituinte portuguesa de 1821, Costa Barros deixou, contudo, de seguir para Lisboa, permanecendo, ao contrário, no Rio-de-Janeiro, afanado na causa da independência do Brasil. «Posterguei êstes dois ídolos — o ouro e a representação —», dizia êle, dirigindo-se à Câmara, «só para ter parte nos destinos de minha pátria e servir às ordens de S. M. I. por quem tudo troquei.»

Em 1822, galardoado pelos seus serviços, foi eleito deputado à constituinte brasileira, onde tomou assento a 9 de Julho de 1823. Aí — informa-nos o Barão de Studart —, «Costa Barros representou papel saliente, já no gabinete, como relator da Comissão de Marinha e Guerra, já na tribuna, discutindo as questões que se agitavam». Com a dissolução da Constituinte, a 12 de Novembro do mesmo ano, coube ao notável cearense ser chamado aos conselhos da Coroa, como ministro da marinha, assinando, nesta qualidade, o decreto de banimento dos Andradas.

Por carta imperial de 25 de Novembro de 1823, logrou Costa Barros a sua nomeação para presidente do Ceará, aonde chegou a 14 de Abril de 1824, tomando posse do govêrno, na noite desse dia e, «uma segunda vez, três dias depois». Em face, porém, da opposição armada com que, contra êle, se levantaram José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, teve de abandoná-lo, embarcando para o Rio-de-Janeiro, no brigue inglês MATILDE.

Sufocada, todavia, a revolução republicana, a que se deu o nome de CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR e que conflagrou o Ceará, voltou Costa Barros a reassumir o exercício da administração da Província, a 17 de Dezembro de 1824, nela se mantendo apenas até 13 de Janeiro de 1825.

A 7 de Maio de 1826, depois de ter servido na presidência do Maranhão, tomou assento no Senado, escolhido, que fôra, representante do Ceará, na eleição a que se procedeu para a composição daquela casa do parlamento brasileiro.

Faleceu no Rio-de-Janeiro, para onde mudara sua residência, a 20 de Outubro de 1839, «arredado das agitações da vida pública».

Costa Barros — diz-nos o Barão de Studart — «foi não só o primeiro presidente do Ceará, como o primeiro cearense que teve a honra de ser presidente de província, ministro de estado e senador do Império».

Como cultor da poesia, escreveu *odes*, um *ditirambo* e uma *cantata*, sem dúvida de irrecusável valia, pois figura no FLORILÉGIO DA POESIA BRASILEIRA, de Varnhagem.

DE OLIVEIRA e MANUEL CORREIA LEAL faltam dados biográficos. Sabe-se, apenas, quanto ao primeiro, que era, naqueles bons tempos, poeta de nomeada e, quanto ao segundo, que também versejava nas tertúlias a que o governador Sampaio presidia, subscrevendo as produções — ao que nota o Barão de Studart — com esta declaração: *um curioso sem estudos latinos*.

9 — Os OITEIROS não constituem, a rigor, uma sociedade literária, com a sua organização e estilos convenientes; mas, praticando os seus colaboradores em reuniões, sob a presidência de Sampaio, não me parece fora de termo a sua referência e exame num estudo relativo às associações literárias do Ceará.

10 — Esses saraus literários eram uma reminiscência ou repercussão do que se fazia na velha ARCÁDIA LUSITANA, que florescera, em Portugal, de 1756 a 1770, ou, mais perto de nós, entre os poetas do grupo brasileiro que luziu, em Minas, pelos fins do século XVIII, e «em que, a par do americanismo nascente, se ostentam formas do gosto, que os árcades em Portugal haviam defendido e exemplificado» — diz-nos Fidelino de Figueiredo, o eminente autor da LITERATURA PORTUGUESA.

Aí, nesses afamados oiteiros, se exercitavam, com efeito, a ode pindárica e o soneto, à maneira de ANTÔNIO DINIZ, CORREIA GARÇÃO e REIS QUITA, em Portugal, e de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA e ALVARENGA PEIXOTO, no Brasil.

Aqueles poetas, que os célebres oiteiros reuniam, eram — pode dizer-se — os ÁRCADES do Ceará.

11 — A exemplo de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA, exclamando, na ODE oferecida ao «nascimento de hum filho do Illmo. e Exmo. Sr. D. Rodrigo José de Menezes»:

«Florecentes oiteiros
A meus Paternos-lares sobranceiros
Que nutris dentro em vós de oiro a semente,
Agora lisongeiros,
Inclinaí para mim a verde frente,
Ouvi o canto na região extranha
Que entoou já do Rhodope a montanha.

Não só de Orpheu a lira
Aos mudos troncos sentimento inspira
Abala as penhas, adormece as feras.
O genio, que respira,

No meu novo Paiz tão bem das heras,
 Corôa as Musas, e entretece d'ouro,
 Para invejas do Pindo a murta e o loiro.»

Costa Barros exclama, na sua ODE PINDÁRICA «Aos Heróes Lus'Anglos», «dedicada ao Illmo. e Exmo. Sr. Manoel Ignacio de Sampaio»:

•STROFE 1ª.

Do Sacrosanto monte despregando
 As lizas, brancas azas, pressurosa,
 Baixa, Celeste Musa:
 Do fogo, com que o Vate de Venusa,
 Com que de Elpino a mente estrepitosa
 Dos Heróes a favor foste inflamando,
 Benigna hoje me assiste, hoje me inflama:
 Com teu divino facho
 Tú na minha alma atêa ardente chama:
 Guia-me afoita mão, que as Cordas fira;
 E transporei ás Eras
 Acções, que assustão Mantuana Lira.

ANTISTROFE 1ª.

Dos Lus' Anglos Heróes em toda a terra
 O sempre glorioso, immortal nome
 Espalha novos brados:
 Heróes, filhos de Heróes, d'Heróes traslados,
 Louro vivás, que o tempo não consome,
 Verde sempre na pás, verde na guerra:
 No Eterno Templo só não brilha escrito
 Themistocles, Lysandro,
 Crasso, Antonio, Pompeu, Cezar invicto:
 Admira, ó Grecia; e tú contempla, ó Roma,
 O glorioso enchame
 De modernos Heróes, que ao Templo assoma.

EPODO 1º.

O monstro, vê raivoso
 A Lusitana gloria!
 Arma contra a Nação, que vencedora
 Sempre firme afrontou perigos, mortes,
 Invejoso, cruel, fataes cohortes;
 Mas vê que á estragadora

Esfinge, que assolou Europa inteira,
Lusos peitos se oppõem ! Há mór barreira.»

O poeta prossegue :

«STROFE 2ª.

Avança, avança, perfido inhumano;
Desperta as furias; do vil seio arranca
As serpes sanguinosas;
Das Lusitanas armas valerosas
O esplendor, e o brio vê se estanca
Teu roubado poder: Pasma, tirano !
Vem, ó monstro, expirar ao pé dos muros,
Que ergueo de Troia o raio,
O mais sabio dos Reis dos Gregos duros:
Em cada braço vê hum Castro armado,
Hum Albuquerque horrivel,
Hum Pacheco, hum Muniz reusitado.»

E continuando, através de estrofes, antístrofes e epodos, termina por êste teor :

«EPODO 6º.

Mas tanta Lus não posso
Soffrer, Tolimnia amiga;
O atrevido canto muda, enfrêa.
Donde sons extrahir tão soberanos,
Que dignos cantem Lusos, e Britanos?
Ah! Para urdir a têa,
Para o Hymno tecer dos seus louvores,
Inda, inspirando tú, faltão cantores.»

Esta ODE, segundo a afirmativa do Barão de Studart, foi recitada a 17 de Agosto de 1814.

12 — De sua parte, o cônego ANTÔNIO DE CASTRO E SILVA, na ODE PINDÁRICA «á Assumpção de Nossa Senhora», também oferecida a Manuel Inácio de Sampaio, canta, no mesmo tom altiloquente:

«ESTROFE 1ª.

Dessa elevada baixa tú Esfera
Oh! verdade mimosa,
A tua Luz derrama fulgorosa

Sobre a grossa Athmosfera
 De minha Musa n'um golfão jazente;
 Meu frio e congelado Estro avigora,
 Para poder hum luzente
 Assumpto decantar, com voz sonora.

ANTISTROFE 1ª.

A' alguma Argiva não será matrona,
 Que tecerei Louvores;
 Nem dessa tão feliz, canto os Valores
 De Bethulia Patrona:
 Dessa feliz eu cantarei Maria
 Assumpção tam pura, e mais que santa.
 E como marcharia
 Sem huma protecção de força tanta!

EPODO 1ª.

No Cháos fluctuante,
 A minha não deixes portanto Muza,
 Que empreza tão Atlante
 Ella já não recuza.
 Nem maons teme lançar d'Orfeo na Lyra,
 Para exaltar, quem tanto a Igreja admira.

.

ESTROFE 4ª.

Exulta agora antiga Basiléa,
 Que primeira Cantaste,
 E os Troféos de Maria celebraste
 Em solemne Assembléa:
 Que a pomba conheceste tão prudente
 Que na geral innundação da terra
 Trouxe o ramo virente;
 E que fizeste ao Ono, tanta guerra.

ANTISTROFE 4ª.

E tú mil vezes Trento venturoso,
 Que desse mal d'origem,
 Que dos nossos criou Paes a vertigem,
 Esse astro luminoso,
 Alto Cypreste de Sião, livraste:
 E da nova Judith sobre o peccado

Os Triumphos celebraste;
Toma veste de fino ouro bordado.

EPODO 4º.

Tão bem no esquecimento
Não deixarei, oh! tu Dowai augusta
O jubilo e contento
Com que livre da adusta,
Medonha, e tão fatal prisão, diceste,
A Esposa do Monarca, Ser Celeste.»

E, finalizando, diz o poeta:

«EPODO 6º.

Vós Corifeos Celestes
Que prostrados estaes, perante o Eterno;
Vós que alegres dicestes
Aquelle Ave materno,
A Assumpção cantai, cantai sim pura
Dessa tão venturosa Creatura.»

13 — No estilo laudatório, tão em voga naquele remotíssimo tempo, o padre LINO JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA, com o seu “rude engenho”, celebra, por seu turno, na ode pindárica ELOGIO, o «brilhantismo das ações sublimes» do governador Manuel Inácio de Sampaio (à guisa do que TENREIRO ARANHA, que um soneto magistral tornou célebre, fazia, em 1793, no Pará, na ODE PINDÁRICA em louvor da sereníssima senhora D. Carlota Joaquina, na qual cantava a «Real Princeza, de que o Céu benigno nos fez alto presente»):

«ESTROFE

Que dulcissima imagem deleitoza
No lethargo em que estava, suspirante
Minha alma pezarosa,
Bruto Morfêo me finge vacillante,
Quando o terno Dircêo
De idéas ordindo hum novo sonho
Versos canta d'Alcêo,
Com tal belleza, que a ouvir-me ponho!

ANTISTROFE

Soberbo Capitolio se-me-pinta

A Jove consagrado,
Onde com immensos Templos adornado
A gloria se-requinta;
Qual Augusto Padrão aurifulgente
Dos Deuses immortaes trono imminente,
Deposto o Estandarte
Armas, braçoens, escudo aos pez de Marte.

Impavidos mortaes marchando vem
De triumpho cheios, de thezouro, e gloria
Em carros taes, que bem
Mostravão alta victoria
Desses grandes Campeoens, q'em alto Solio,
Como Deuses entravão ao Capitolio.

ESTROFE

Mil sceptros vi, riquissimas cabeças,
Que bem formavão lucido tezouro,
Mil tumidas condeças,
Que entranchadas vinhão de fio d'ouro,
Formando os sacros Numes
Hum aurifero throno marfinado
Com ritos, e perfumes
Para ser o Vasto Heróe eternizado.

ANTISTROFE

Admiro emfim daquelle Magestoso
Acto o soberbo ensaio,
Logo q'ao longe vi Alto Sam Paio
Sublime, e valerozo,
Que entre muitos guerreiros preferia
A todos na ventura, e primazia;
Pois a fama delles vôa
Mui caduca; mas deste eterna sôa.

EPODO

A rija acção pendente da fortuna,
Que se nutre do sangue, e da desgraça
Não he firme columna,
Q'eterno o nome faça,
Qual o valor ingente d'alma nobre
Q'assas protege humana, o Ceo encobre.

ESTROFE

Não teme a mão cruel do negro fado,
Que dos mortaes decipa a tirania
 Aquelle, q'he dotado
D'armas, letras, virtude, e valentia;
 Não he carnagem, e sangue
O heroismo maior, q'espanta o Mundo;
 Pois ficará exangue
No perigo o engenho não facundo.

ANTISTROFE

Grande Manoel Ignacio de Sam Paio,
 Governador distincto,
Não he falsa a figura, q'eu vos pinto,
 Do original extraio;
Pois todos estão vendo esta verdade
Das acções, nobreza, e qualidade,
 Com que tudo dirigis,
Louvando altos heróes, punindo os vís.

EPODO

Consiste tão somente a primazia,
E nobreza do Heróe eternizado
 Em tratar com energia
 Toda honra do Estado;
Fois fiel jurou cumprir inteiramente
As Leis, que professou exactamente.

ESTROFE

Pelos fructos do ramo se conhece
A grande estimação, honra, e belleza,
 Que hum tronco alto merece
Segundo a ordem da propria Natureza:
 Sem fructo hum arvoredado,
Por mais que verde seja, e elevado
 No pico d'hum rochedo
Dos homens nunca foi bem estimado.

ANTISTROFE

Portanto, inda q' fosse não sabida
 De Sam Paio a qualidade,
Essa Nobre Familia, Antiguidade

Assás grande, assás subida,
 Suas proprias acçoens bem tem mostra lo
 Que de Tronco descende sublimado
 Hum de tão raro exemplo
 De virtudes, q'outro não contemplo.

EPODO

Sempre foi dos Heróes famigerados
 Distinguir nas acçoens seu nascimento
 Para serem conservadas
 No seo merecimento;
 São esses os impulsos d'alma nobre,
 Pelos quaes a Nobreza se descobre.»

E assim conclue o Padre Lino a louvaminheira exaltação do brioso militar, que, mais tarde, como liberal, tomaria parte, galhardamente, nas lutas de D. Pedro e D. Miguel:

«ANTISTROFE

Quizera nesse Pindo respeitavel,
 Assento das Camenas,
 Onde versos se fazem dos Mecenas,
 O aplauso memoravel.
 Para de S. Paio cantar mais venturozo;
 Não sei porém, q'verso luminoso
 Demonstre-lhe a Nobreza,
 Hum dos Dotes da sabia Natureza.

EPODO

Eu vasto e longo tempo gastaria,
 Se do grande Fidalgo Cavalleiro
 A nobre Analogia
 Cantasse então primeiro,
 Sendo Heróe de grandeza tão distincta
 Que sempre excedeo muito, ao q'se pinta.»

14 — Faltam — é claro — a essas odes «a elevação das idéias, a ousadia das metáforas, o brilho das imagens, a riqueza e variedade dos ritmos, a harmonia e majestade do estilo», que distinguem os grandes espécimes do gênero; mas não deixam de ter valor relativo, como amostras de uma literatura incipiente, a ensaiar-se, tacteante, nos seus primeiros passos.

Não é aventuroso dizer-se que são piores muitos dos ver-

dos do poema de Bento Teixeira Pinto, «o primeiro nome, como alguns o querem, da literatura nacional», poema que se intitula PROSOPOPÉIA, dirigido a Jorge de Albuquerque Coelho, «em louvor dos feitos e das virtudes do terceiro donatário de Pernambuco».

15 — Aliás, a plêiade que rodeou Sampaio não se exercitou, como se disse, apenas nas odes, de que as partes aqui transcritas dão conveniente idéia. Fêz, também, sonetos, como os árcades, que a inspiravam.

Assim, de feito, soneteava JOSÉ PACHECO ESPINOSA:

*«Aos faustos annos de S. A. R., o Principe
Regente, nosso Senhor*

FALA O TEJO COM LISBOA

1º. Soneto

Surgindo do lethargo em que jazia
O Tejo undoso, de chorar cançado,
Ao esplendor antigo já tornado,
Falando com Lisboa assim dizia:

Chegou, Cidade, finalmente, o dia
De livre estares do opressor malvado;
Alegra-te que o Céu teve cuidado
De oprimir a quem tanto te oprimia.

O triunfo celebra incontinente
Chamando pra sanar passados damnos
Teu Senhor natural, João potente.

Excede nos festejos aos Romanos,
Aplaudindo com vivas juntamente
O dia natalicio dos seus annos.

2º. Soneto

*Mercurio suscitando prazer nas cidades
portuguezas*

De Cidade, em Cidade, alegre vòa
Dos Numens o alado mensageiro:
Vai a Braga, ao Porto, a Coimbra, Aveiro,
Bragança, Almeida, Chaves e a Lisboa.

Ao Pará, Maranhão, Ceará revôa ;
Passa á Bahia, ao Rio de Janeiro ;
Ao que ha n'Africa, e Azia vê ligeiro,
O longo gyro acabando em Gôa.

Em todos difundindo hua alegria,
A' natureza humana transcendente,
Em sonoro pregão isto dizia :

Alegrai-vos, ó Luza, feliz gente ;
Pois que completa annos neste dia,
O nosso amado Principe Regente.

3°. Soneto

A' prosperidade de Portugal, attribuida ao sabio governo de seu principe

Se no meio da guerra, a mais cruenta,
Que não virão os seculos passados,
Estando tantos Reynos desgraçados,
Felicidade o vosso experimenta.

Se dos males maiores foi izempta
A nação portugueza, e malogrados,
Os iniquos projetos obstinados,
Da ambição do tyrano impia, sedenta :

Effeitos são do óptimo governo,
Do mais prudente, e sabio dos Soberanos,
Cujo nome fará a fama eterno.

Effeitos são, sim, fortes Luzitanos,
Do amor que vos tem, puro, paterno,
O grande Dom João que hoje faz annos.»

Estes três sonetos, como se vê dos respectivos originaes, existentes no arquivo do Barão de Studart, e a elle presenteados pelo Duque de Palmela, foram recitados, pelo seu autor, no dia 13 de Maio de 1814, depois de terminado o jantar dado pelo governador Manuel Inácio de Sampaio.

ESPINOSA ainda assim soneteou :

*«Aos faustos annos da nossa Serenissima
Princeza*

1º. Soneto

Hessa Heroína, d'Hesperja ornamento,
Honra, e prazer da gente Luzitana,
Nova Contellação Americana,
D'incomparavel graça, e luzimento.

Hessa Excelsa Matrona, hesse Portento
Que excede a feminil gloria Romana,
Senhora nossa pia, sabia, humana,
D'encomios merecedora, cento a cento.

Emfim do aureo Brasil, a alta Princeza,
Nascida para amparo dos humanos,
E modelo perfeito da Realeza;

Completa neste dia faustos annos;
Alegraivos ó gente Portugueza!
Exultai de prazer Americanos!

2º. Soneto

Estrondos festivaes nos ares troão;
Luzido esquadrão respeito ostenta;
A nobreza de gala se apresenta;
Alegres vivas sobre as nuvens soão.

Sinceros votos ao Empyreo voão;
Com lauta meza o chefe nos contenta;
Prazer geral o Povo experimenta;
As Ninfas do Ceará hymnos entoão.

Tudo isto, ó felices Brazilianos,
Todo este aparato, esta grandeza,
Que de gloria vos enche, ó Luzitanos;

Claros annuncios são, dão a certeza,
De que completa hoje alegres annos,
A nossa Preclarissima Princeza.»

Êstes dois sonetos, segundo o atestam, ainda, os seus originaes. foram recitados, por ESPINOSA, depois do jantar dado, em 25 de Setembro de 1814, por Manuel Inácio de Sampaio, em regozijo pelo acontecimento.

É, outrossim, de JOSÉ PACHECO ESPINOSA o seguinte soneto, comemorativo da cerimônia com que se soltaram, pela primeira vez, as águas do chafariz da vila de Fortaleza, e repetido na "Sala do Retrato", em a noite de 8 de Setembro de 1813:

«Ao som da Fonte nova que corria,
Com tal graça, que a todos encantava,
Jozino, que por triste não cantava,
Hoje alegre cantando, assim dizia:

Salve ó Fonte, das aves alegria,
Por quem á tanto Flora suspirava,
Thezouro que cruel Fado ocultava,
E que aparece em tão plausível dia!

Sejas bem vinda! Vive alegremente,
Saciando os viventes sequiosos,
Para quem corres tão placidamente.

E a ti Maioral, por quem ditozos
Esta dita nos vem, o Supremo Ente
Conceda annos mil, sempre gloriosos.»

Em soneto, recitado a 17 de Agosto de 1814, ESPINOSA ainda canta a vitória dos aliados contra Napoleão:

«Alegraivos ó Chefe esclarecido,
Pois que extincta está a cruel guerra:
Já respira alegria toda a terra,
Já se esquece do que tem padecido.

Alegraivos Congresso inobrecido,
Que a paz, a santa paz que o mal desterra,
A guerra afogentou que tudo aterra,
E tudo deixa a cinzas reduzido!

Venceo a justa causa: aniquilado
Hesse monstro ficou, hesse Tyrano,
Que há de perpetuamente ser odeado.

Regozija-te, ó bravo Lusitano!
Vivas repete Exército aliado!
Exulta de prazer Americano!»

13 — Na mesma espécie de verso, também se expandiu a musa arcádica do cônego ANTÔNIO DE CASTRO E SILVA.

Para amostra de como versejava na forma poética a que Boileau dava o mais elevado apreço e que tão alto exalçaram Petrarca e Tasso, Camões, Bocage e Antero do Quental, aquí vão trasladados os seguintes sonetos de sua lavra:

«Vós Virtudes, vós Graças, vós Amores
Descei do Céu, e em festivaes Coréas,
Serranas, Ninfas, Dryades, Napéas,
Dai commigo á Sampaio altos Louvores.

Suas virtudes, seus dons, e seus primores
Entoai na Cidade, e nas Aldêas,
E gravando seu nome em aureas têas
O Louvem de a Natércia os bons Cantores.

Louvai á Marcos, Torres e Maria
Em Frauta agreste, em Lyra altisonante,
Cauzando a todos nós doce alegria.

O grande Sampaio o Louve Dante.
Digão os amigos todos á porfia,
Viva um Governador tão nosso amante!»

«Illustre Sampaio, á quem o Céu benino
Formou uma alma de mil dons ornada,
Se o Canto de hum Philosopho te agrada,
Escuta a minha voz, ouve o meu hymno:

Bem que não he. de ti proprio, e dino,
A tua fama nelle remontada,
Será em todo o Mundo Celebrada
Na minha Lyra, com poder divino:

Té onde o Claro Febo a luz reparte,
Às nações todas, a farei notoria
“Se a tanto me ajudar engenho, e arte”:

Depois coberto de brilhante gloria
Hirei teu busto pôr, e collocar-te
No eterno Santuario da Memoria.»

«Nas Cem bocas da Fama alegre sôa
Ornada de prazer e de Candura,
A virtude, Senhor, virtude. pura
Que do vosso Governo em torno vôa:

Já gostozas Canções Ceará entôa
Nas ditas com que o Céu nos assegura,
Já no templo sagrado da ventura
A nova idade de ouro se apregôa:

Eu mesmo, alto Senhor, dizer não posso
O que vejo, o que escuto, o que alma sente
A vista do feliz governo vosso:

Minha lingua inda he balbuciante;
Mas se fôr á julgar pelo bem nosso,
Direi que pra nós sois do Céu presente.»

16 — Todos êstes sonetos — é bem de ver-se — não são de mui levantado estro, não abundam em idéias e originalidade e tornam-se monótonos pela mesmice e reiteração do assunto; mas, em letras apenas estreantes, quais as que balbuciavam, no Ceará, em era tão recuada, são de irrecusável significação, e mostram — quando mais não seja — como os seus cultores, num tão apagado meio intelectual, eram senhores dos segredos dêsse dificultoso gênero de versificação, externando os seus sentimentos em bem cuidada forma e com métrica mais ou menos segura.

Aliás, o seguinte soneto, do conêgo ANTÔNIO DE CASTRO E SILVA, de forma esmerada e bem tratada versificação, extrema-se dos demais pela dose de pensamento que encerra e por um apreciável acento filosófico, de que se reveste:

«Este obsequio, Senhor, que vos envia
Meu animo fiel, curto parece;
Mas quem o pouco, que possui offerece,
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre singelas maons não se avalia
A offerta, pelo vulto que aparece;
Que então a aceitação fôra interece,
Vicio, que nunca em vós haver podia.

Bem sei que de meus versos a humildade
Subir não pode áquele desempenho,
Á que a minha affeição me persuade;

Mas huma Salvação com vosco tenho:
Saber que a vossa Candida vontade
Mais preza hum dom d'amor, que d'alto engenho.»

17 — Nem ficaram nas odes e sonetos os promotores dos esquecidos e menospresados oiteiros.

Da autoria de JOSÉ PACHECO ESPINOSA, de maior variedade nas composições — ao que parece —, e grande parte de cujas poesias consta ter estado em poder do boticário Ferreira, ainda se conhecem uma *Décima* sôbre o mote «Da nossa Fonte o Arquitecto», recitada, a 8 de Setembro de 1813, na “Sala do Retrato”, e bêm assim um *Romance heróico*, declamado, também naquela data, nessa mesma sala, e do qual algumas estrofes, em verso branco, aquí vão, como amostra:

«A Fama d'altos feitos pregoeira,
Defundindo os que brotas d'alta mente,
Faz que Hymnos sôem, ó Sampaio, em torno
Da nova Fonte que erigir fizeste.

. :

Naiades belas, Ninfas graciosas,
De mirtos adornadas aparecem;
E co'as Nereidas em sonoro canto,
Lembrar fazem da Grecia altos prazeres.

.

Mas se a sorte do merito inimiga,
A paga te negar que se te deve,
Não importa, que a Fama justiceira,
Immortal te fará, Heróe Cearense.

Os soberbos, sumptuosos edificios,
Com que esta Capital tu inobreces,
Levão teu nome aos Seculos vindouros;
E que premio haverá maior do que este?

Já, já do alto Pindo as Divindades,
Para c'roarte mil Capelas tecem:
Horacios, e Virgilios novos surgem,
Que em alta rima a vida te descrevem.»

18 — De resto, nos oiteiros, ora tão desalinhavadamente apreciados, não se praticava sômente o verso; fazia-se também a prosa. Haja vista a ORAÇÃO, da autoria de AMARO JOAQUIM PEREIRA DE MORAIS E CASTRO, lida, no palácio do governador Sampaio, «no faustissimo dia d'annos da Serenissima Senhora d. Carlota, Princeza do Brasil».

Do prosar daquele prisco comêço de século, sirva de exemplo o tópico final dessa "oração":

«Illmo. e Exmo. Sor, eu não preciso levantar agora hua estatua, ou fingir como a engenhosa Michol, hua figura para substituir em lugar de Va. Exa., que justificando o favor com que a fortuna o fez nascer no berço da grandeza dá ao brilhante titulo de Governador um novo gráo d'illustração, e verdadeiro esplendor. Em todos os tempos, em todos os seculos, emquanto no mundo existirem corações honrados, fieis, e agradecidos, Va. Exa. terá sempre pregoeiros da sua fama, das suas virtudes, e do seu nome: vingará sempre os seus iguaes da má preocupação, que a malignidade, e talvez a inveja gosta de cevar contra elles: gozará sempre da gloriosa immortalidade dos heroes, e dos homens verdadeiramente grandes e o seo nome repetido de seculo em seculo será eterno objeto d'hua especie de adoração, se hé que aos homens se pode aplicar uma expressão que só pertence ao Ser Supremo. *Curam habe de bono nomine; hoc enim magis permanebit tibi, quam mille thesauri pretiosi, et magni.*»

Sempre o mesmo tom encomiástico, tão do gosto dos escriptores contemporâneos. Muita palavra, sem o conceito correspondente. Mas, em todo caso, manejo fácil da lingua, certa segurança de expressão, dignos de todo aprêço, no dealbar de uma literatura, nas suas manifestações iniciais.

19 — De uma ou de outra forma, porém, os oiteiros não podem ser excluídos de um estudo sôbre as letras do Ceará e as suas associações literárias, sendo injustos os que fizeram êsse estudo e a êles nem sequer se referiram. Contra a injustiça de tal attitude clama tudo o que aí deixamos escrito, neste trabalho, que, embora possivelmente inçado de erros de apreciação, tem, contudo, o mérito de ser o primeiro que, de maneira mais detida, se fêz sôbre o assunto, pois nunca appareceu a monografia, cuja publicação o Barão de Studart prometera, relativamente aos POETAS E PROSADORES NO TEMPO DO GOVERNADOR SAMPAIO.
